

PRÓLOGO

Onde está o tenente Hair?

O Círculo do Exército e da Armada, de Nova Iorque, naquele verão impiedoso, improvisara a sala de jantar no telhado do seu arranha-céus de quinze andares. Sob o toldo listado de amarelo e num tapete imitando um enorme tabuleiro de xadrez, os oficiais da guarnição comiam, contemplando, como dum altíssimo camarote, o espetáculo feérico da Broadway, incendiada pelas nuvens de pirilampos policromos dos anúncios luminosos. Dir-se-ia que um mágico artista invisível ia bordando, pelas casarias agigantadas, reclames inquietos e coloridos, que ora se apagam, ora se tornam brasidos, projetando para o céu um arco-íris milagroso.

Numa mesa, onde um quebra-luz modernista dava a impressão duma mariposa, abrindo as suas asas de seda sobre a toalha alvíssima, o tenente Swanson e o capitão Golden comiam em silêncio. Um companheiro da mesa ao lado, duchando o sifão sobre o xarope que a lei seca lhe permitia beber, perguntou, com o ar de quem segue, em voz alta, uma ideia que lhe surgiu de súbito no espírito:

— O tenente Francis Hair há muito tempo que não vem jantar ao Círculo. Já não pertence à guarnição de Nova Iorque?

— Creio que foi para Washington! — afirmou Swanson.

— Em Washington não está, com toda a certeza — garantiu o capitão Golden. — Cheguei esta manhã da capital, e nos quinze dias que lá estive não o encontrei nem dele me deram notícias.

Intrigados, os oficiais começaram a perguntar aos vizinhos de mesa pelo camarada desaparecido. E o nome de Francis Hair passou de boca em boca, dum extremo a outro do terraço, até chegar aos ouvidos do coronel Raymond Crower, às ordens do qual Hair servira na Europa durante a guerra.

O coronel Crower pertencia a essa oficialidade superior que os Estados Unidos improvisam, nos momentos de apuro. Tão jovem como qualquer dos tenentes que o cercavam, com eles se confundiria, se não fossem as estrelas que lhe doiravam a farda.

— Francis Hair? Foi nomeado adido militar à nossa Legação de Lisboa. Já lá está há muitos meses. Tem-me escrito semanalmente.

Sossegados sobre o destino do camarada, o tenente Swanson e o capitão Golden vieram abeirar-se da mesa do coronel, desejosos de saber da vida de Hair nesse país distante para onde o tinham enviado.

— Está fazendo um romance! — informou Crower.

— Não admira — retorquiu Swanson. — Hair, antes de entrar para o Exército, era novelista. E, ainda hoje, fardado e tudo, gasta o melhor do seu tempo a escrevinhar literatices.

Sorriu-se o coronel e, abanando a cabeça loira, esclareceu:

— Expressei-me mal. Ao anunciar que Hair está fazendo um romance, não queria dizer que ele o estivesse *escrevendo*, mas sim *vivendo-o*.

— Sim. É uma estranha aventura aquela em que se meteu, por essas terras ibéricas. E, se vocês têm a noite livre e querem emocionar-se um pouco, ler-lhes-ei a correspondência que recebi de Hair, desde que ele chegou a Portugal.

Os dois oficiais já não se afastaram do coronel. E, quando Crower terminou o jantar, reuniram-se num pequeno salão do Círculo, onde zumbiam ventoinhas e onde os criados, de calção vermelho e libré bordada, serviam refrescos gelados. Três *maples* desenhavam um semicírculo no sobrado espelhante. Crower acavalou os óculos de aro de tartaruga e começou a leitura das cartas que o tenente Hair lhe escrevera de Lisboa.

PRIMEIRA CARTA

A coincidência...

— Você acredita na voz dos objetos?

— Não.

— Eu sim. O meu silêncio, desde que entrei neste táxi, obedece a uma razão: tenho vindo a escutar todos os segredos que os objetos que nos cercam quiseram confiar-me.

— E que lhe dizem eles?

— Ao certo não sei. O seu pensamento é confuso. Contudo, poderia afirmar-lhe que este automóvel é fatídico. Se as coisas têm uma alma, só inexpressiva para os que não lhes merecem confiança, a alma deste carro está transida de terror; sente sobre ela as asas negras da desgraça...

— É tudo quanto descobriu?

— Sim. E descobri-o porque aquele espelho está fendido num X quase cabalístico; porque aquele pequeno quadro do regulamento está torto, pendendo para a esquerda; porque a cor dos estofos ganhou uma tonalidade amarelenta e de mau presságio.

O meu companheiro daquela noite, um conhecido do clube — Arsénio de Castro —, não pôde conter uma gargalhada.

— Nesse caso, você, Hair — disse por fim —, conhece a fundo a ciência dos bruxos.

— Não. Adivinho-a apenas ou nasci com ela dentro de mim, herdada sabe Deus por que mistério. E não se ria, Arsénio de Castro: até hoje a voz dos objetos, das coisas aparentemente sem

alma, ainda não me enganou uma única vez. Há anos, quando vim do Texas para Nova Iorque, sobraçando o primeiro romance, fui habitar para uma pensão a cinco dólares por semana, perto do Hudson. Deram-me um quarto pequeno, asseado, quase alegre. Deitei-me, na primeira noite, e não pude dormir. Tinha a impressão de que os móveis queriam dizer-me fosse o que fosse. E todos eles falaram, através de detalhes semelhantes aos que agora lhe aponte. Pois bem. Na manhã seguinte, soube que o hóspede anterior a mim, que tinha ocupado aquele quarto, se suicidara na mesma cama onde eu me deitava.

E, como notei que Arsénio de Castro não se desfizera ainda do sorriso de mofa, comentei:

— Parece impossível que vocês, portugueses, latinos, marinheiros, aventureiros do mar e dos continentes desconhecidos, entrassem numa fase de tão fria incredulidade, incapazes de sentirem a emoção dum enigma ou de compreenderem uma crença, uma fé, um dom sobrenatural. E somos nós, os americanos, os gélidos ianques, os homens dos Estados Unidos, da república das máquinas, das indústrias, do positivismo e do diarismo prático, quem acolhe e cultiva todos esses pensamentos inexplicáveis que na Idade Média se chamavam embruxamentos, e que no século xx se chama dom psíquico.

Só então Arsénio de Castro, sacudindo o corpo, como que para se desembaraçar da teia que as minhas palavras tinham tecido à sua volta, apagou definitivamente o sorriso. E, já preocupado sem querer confessá-lo, voltou o rosto para a janela e começou a contemplar, absorvido, a paisagem azul do luar, que se desbobinava em direção contrária àquela em que o auto ia rodando.

Arsénio de Castro é um moço de guedelha encaracolada, olhos febris, e um tudo-nada autopreparado de poeta, embora nunca tenha composto versos. Boémio impenitente, cultivou, e creio que cultiva ainda, a sua própria má fama. Talvez por excesso de temperamento, talvez por ser agressivo e violento nas suas paixões, criou em redor da sua pessoa ódios de fogo — ódios que o deixam indiferente. Quando me viram falar-lhe pela primeira vez, vieram, correndo, cochichar-me ao ouvido proezas que dizem ter

ele heroificado e aconselhar-me prudência e afastamento. E eu continuei a tratá-lo — e até com mais intimidade. Porquê? Possivelmente porque quero manter o crédito de extravagância que desfrutamos no estrangeiro. Depois, porque me agrada remar contra o horrível hábito, que existe neste país, de se dizer mal de toda a gente.

E, ao notar o espanto que causa a muitos e até ao corpo diplomático, quando lhe dou o braço e me pavoneio com ele pelo Chiado (o Chiado é uma rua do tamanho da mais pequena *street* de Nova Orleães, e a que os lisboetas chamam a sua Broadway), sinto-me bem americano, ou seja, bem extravagante.

Confesso que, ao ver Arsénio de Castro preocupado e de olhos fixos na paisagem, tive remorsos da perturbação que causara, e tentei distraí-lo.

— Você conhece bem a casa do Horácio Vilar?

Esteve uns segundos sem me responder, para sair das profundidades do pensamento onde se submergira, e por fim disse:

— Perfeitamente. Já lá estive várias vezes. É quase na Praia das Maças.

— Vamos por bom caminho?

— Vamos. Dentro de vinte minutos estaremos lá.

Novo silêncio. A estrada, que o táxi ia engolindo e que o luar desenhava a giz à nossa frente foi-se marginando pouco a pouco de casebres cujas janelas, mal iluminadas, pareciam pupilas sonolentas.

— Sabe, Arsénio de Castro? Tenho sede... Onde poderíamos bebericar uma cerveja?

— Só se for nalguma locanda miserável, e não sei se você quererá...

— Ora adeus! Ninguém me conhece. Pela farda que uso, julgar-me-ão porteiro dalgum palácio...

O auto parou. Beberam-se as cervejas. E, quando íamos a regressar ao carro, flanqueando-o, Arsénio de Castro vacilou. Olhei-o. Estava pálido, duma palidez tão forte que conseguia triunfar do luar que o banhava.

— O que foi, Arsénio? Sente-se doente?